

## CLIVE BARKER E OS ESPAÇOS HETEROTÓPICOS NA LITERATURA DE HORROR

Sebastião Pedrosa

Letras - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

**RESUMO:** O ensaio investiga a obra de Clive Barker sob a perspectiva dos espaços heterotópicos definidos por Michel Foucault, relacionando-os à noção de “ilha urbana” proposta por Josefina Ludmer. A partir da análise do conto *Candyman* (1985), discute-se como o autor britânico transforma cenários de marginalidade em territórios simbólicos de resistência e transgressão. O texto propõe que o horror de Barker — influenciado por sua vivência como sujeito transviado e por experiências em espaços subversivos — faz do horror uma ferramenta para refletir sobre exclusão social, desejo e o grotesco como forma de verdade estética. Ao estabelecer paralelos com “Aqueles que Abandonam Omelas”, de Ursula K. Le Guin, o ensaio enfatiza o potencial crítico do gênero em revelar os horrores sutis do cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clive Barker; Heterotopia; Literatura de horror.

FIGURA 1 — Leviathan de Hellraiser



Fonte: Página do site *The Ultimate Evil Fandom*<sup>1</sup>

Um dos aspectos que mais me fascinam na literatura – do ponto de vista de um leitor, escritor e estudante – é a infinitude de diálogos com diferentes áreas do pensamento que ela permite, algo que não falha em pegar de surpresa seus mais versados

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://the-ultimate-evil.fandom.com/f/p/4400000000000032095>>. Acesso em 20 ago 2025.

amantes. Mesmo depois de experienciar a literatura sob as lentes da criminologia, religião, política, filosofia, biologia ou psicanálise, me encontrei maravilhado ao explorar as possibilidades levantadas pela geografia. Inicialmente perdido dentro do labirinto de abordagens, foi em um espaço de conforto e familiaridade que me deparei com uma reflexão que acredito ser valiosa. Esse ensaio pretende narrar e externalizar o processo que resultou na abertura de mais um caminho para pensar a literatura e os espaços que nos cercam, por mais disfarçados que eles estejam.

No conto *Aqueles que Abandonam Omelas* (1973), Ursula K. Le Guin descreve o estado de espírito alegre dos habitantes perpetuamente felizes de uma cidade fictícia. Notória pela profundidade antropológica de seus mundos, a autora passa o texto convencendo o leitor sobre a verossimilhança das condições peculiares daquele povo. É na insistência em ser bem sucedida nesse exercício retórico, porém, que se encontram os sinais do que há de errado com Omelas. Sem que sejam esclarecidos os motivos por trás dessa medida, é exposto ao leitor que a permanência do estado de alegria e o funcionamento das estruturas sociais da cidade estão ligados de forma direta (quase sobrenatural) à prisão de uma criança em condições de absoluta indignidade. Forçados a fechar os olhos ou sacrificar a felicidade de todos para salvar — sem chance verdadeira de sucesso — a vítima desse sistema, os poucos que discordam da atrocidade cometida pela população se retiram em um exílio silencioso. A conclusão impactante da narrativa me levou de imediato para uma citação sobre meu escritor preferido:

[Clive Barker] está nos falando sobre um horror humano muito específico para qual nós ficamos cegos; não porque ele foi construído dessa forma por forças arcaicas e externas, mas por conta de como ele foi entrelaçado ao banal, ao cotidiano.<sup>2</sup>

O teórico francês Michel Foucault descreve como heterotopias os espaços que oferecem resistência à norma, se tornando então “contra-espaços” (Foucault, *Outros Espaços*, 1984). Considero que essa lógica esteja presente em uma porcentagem significativa do trabalho de Clive Barker em diferentes níveis. O autor, diretor de cinema e artista plástico britânico ganhou notoriedade na década de 1980 ao criar monstros, narrativas e mundos tão assombrosos quanto fantásticos em sua capacidade de espelhar com agudeza as depravações do inconsciente humano. A proximidade das criações de Barker com o conceito de heterotopia é cristalina na novela *Cabal* (adaptada pelo autor para o cinema como *Raça das Trevas* em 1990), em que uma sociedade de seres monstruosos habita um entre-lugar chamado Midian, localizado em um

---

<sup>2</sup> COLÍN, *The Philosophy of Hellraiser*, 2023

cemitério (exemplo de heterotopia usado por Foucault)<sup>3</sup>. No conto *Nas Montanhas, As Cidades*, o autor apresenta duas cidades irmãs cujos habitantes se unem para formar dois gigantes de carne, “o corpo do estado” (Barker, *Livros de Sangue – Volume I*, 1984). Já em *Hellraiser – Renascido do Inferno* (1986), sua obra mais conhecida, o próprio corpo humano é colocado como espaço em que as regras da normalidade são desafiadas. Nesse sentido, defendo a escolha da obra de Clive Barker como objeto dessa discussão.

Apesar da miríade de opções para centralizar o foco da pesquisa, a obra do autor que acredito que mais serve para os propósitos de ensaio é o conto *Candyman*, publicado em 1985. Ambientada majoritariamente em um conjunto habitacional em ruínas, a narrativa segue o ponto de vista da acadêmica Helen, que pretende estudar as pichações no espaço urbano abandonado. A visão elitista da protagonista e sua subsequente curiosidade acerca de narrativas orais de violência compartilhadas pela população local são, por si só, uma evidência de como o cenário pintado por Barker se encaixa nas definições de Foucault. Além de refletir as contradições e segregações do espaço urbano e exemplificar como o “significado” de um lugar pode ser alterado de forma drástica – do espaço promissor de moradias populares para um verdadeiro deserto urbano de desolação e apagamento – sem grandes esforços, o ambiente principal do conto também desafia as percepções entre o concreto e o simbólico. Ao fazer de tudo para compreender as histórias de assassinatos brutais atribuídos à *Candyman*, uma lenda urbana local, Helen acidentalmente conjura a entidade folclórica com sua dúvida. É interessante destacar que existe outro conceito geográfico presente na história, esse apresentado por Josefina Ludmer em *Aqui América Latina* (2010), a crítica literária argentina usa a nomenclatura “ilha urbana” para espaços urbanos que se destacam da estrutura que os cerca, seja em estado reconfigurado ou de exceção, e é isso que ocorre no conjunto habitacional de *Candyman*.

A construção literária de uma ilha urbana heterotópica me faz pensar nos motivos por trás do protagonismo da ambientação subversiva na escrita de Barker. O horror é um gênero fundamentalmente ligado à atmosfera, seja em mansões vitorianas decadentes ou casebres isolados, e a forma como *Candyman* encontra um caminho para evocar os sentimentos recorrentes de isolamento no meio de uma metrópole chama atenção. Uma breve investigação biográfica do autor nos auxilia a revelar a lógica seguida por ele ao escolher trabalhar com esses espaços. Algo que destaca Clive Barker de outros grandes nomes do seu universo literário é a sua vivência enquanto homossexual, garoto de programa e frequentador de bares de sadomasoquismo durante o auge da pandemia de HIV, algo que, além de refinar seu senso estético, informou seu entendimento de espaços subversivos. Frequentador de verdadeiras

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, 1984, p. 417

heterotopias em um período de repressão social incessante, o autor britânico teve as ferramentas perfeitas para usar os horrores da própria realidade na criação dos literários. O termo “transviado” (significando “aquele que não obedece aos padrões comportamentais vigentes”<sup>4</sup>), usado por Berenice Bento<sup>5</sup> para substituir o acrônimo LGBTQ+, se encaixa perfeitamente com Barker e sua literatura heterotópica.

Seria um equívoco, no entanto, não me aprofundar em um aspecto menos geográfico ligado à heterotopia e muito presente tanto na obra do autor de modo geral quanto em *Candyman* particularmente. Como já descrito antes, o conto mergulha no contraste entre o real e o imaginário quando se trata da veracidade das histórias ouvidas por Helen. Durante toda a narrativa, a protagonista compartilha com seu companheiro e colegas as histórias ouvidas no conjunto habitacional e é recebida com escárnio, já que nenhuma delas havia sido noticiada. Para além de fazer uma crítica ácida às facetas excludentes e elitistas do meio acadêmico, essas cenas destacam o abismo social que cerca os moradores da cidade enquanto nos faz refletir sobre como a realidade é distorcida em narrativas orais. Ficamos então com o seguinte questionamento: por que uma comunidade tomada por violências reais inventaria violências imaginárias ainda mais escabrosas?

Para começar a responder essa pergunta, é preciso fazer uma digressão à Omelas e seus horrores soterrados em alegria. O conto, ao iluminar a forma como a população aceita o sofrimento de uma criança em troca da própria paz, é perspicaz por mostrar como uma lógica social de negação alienante é próxima demais da realidade (quem não ama Omelas, a deixa) para nos deixar intocados após a leitura. Acredito que Clive Barker estivesse fazendo algo parecido em *Candyman* enquanto jogava para o público a tarefa de entender de onde vem o fascínio e a necessidade de contar histórias de monstros. Deixo então um trecho do livro *Monster Theory* (1996), de Jeffrey Jerome Cohen, que esclarece essa questão melhor do que eu poderia sonhar em fazer:

Os monstros são nossos filhos. Eles podem ser empurrados para as margens mais distantes da geografia e do discurso, escondidos nos confins do mundo e nos recessos proibidos de nossa mente, mas sempre retornam. E, quando voltam, trazem não apenas um conhecimento mais amplo sobre nosso lugar na história e sobre a história de conhecer nosso lugar, mas também carregam o autoconhecimento, o conhecimento humano – e um discurso ainda mais sagrado por surgir do Exterior. Esses monstros nos perguntam como percebemos o mundo e como temos deturpado aquilo que tentamos situar. Eles nos pedem para reavaliar nossas suposições culturais sobre raça, gênero,

<sup>4</sup> DE FREITAS, De “uraniano” a “gay” até “LGBTQQIP2SAA”: Qual o termo adequado?, 2019

<sup>5</sup> BENTO, Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos, 2017

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

sexualidade, nossa percepção da diferença e nossa tolerância em relação à sua expressão. Eles nos perguntam por que nós os criamos.<sup>6</sup>

Tento não olhar para a literatura com um viés utilitário. Como escritor, considero preocupante a ideia de que é preciso um objetivo maior para escrever além do ato em si. Contudo, o gênero com qual trabalho é cercado de questionamentos constantes quanto a sua necessidade de existir e limites morais, além de sinfonias intermináveis de sensibilidades e moralismos conservadores anêmicos. O horror, mesmo em todo seu exagero e tendências sobrenaturais, trabalha com honestidade. Vejo nessa literatura um veículo para acessar os lados mais íntimos do inconsciente e romper com as amarras sociais mais nocivas. Clive Barker é, para mim, um exemplo a ser seguido por nunca deixar de se permitir descrever o bizarro e o grotesco com beleza. Assim como a vivência em sociedade depende de espaços de escape e rompimento com as normas para ser suportável (principalmente para quem vive às suas margens), a literatura também precisa se permitir olhar para os lados que procuramos esconder.

## REFERÊNCIAS:

GUIN, Ursula K. Le. **Aqueles que Abandonam Omelas**. São Paulo: Editora Morro Branco, 2019.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: Uma especulação**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2013.

BARKER, Clive. Candyman. *In*: BARKER, Clive. (Aut.). **Livros de Sangue**. 1 ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2023. p. 24-74.

DE FREITAS, Alexandre. De “uraniano” a “gay” até “LGBTQQIP2SAA”: Qual o termo adequado?. *In*: Medium. . [S.l.]. 1 set. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@alexandredefreitas/de-uraniano-a-gay-at%C3%A9-lgbtqip2saa-qual-o-termo-adequado-32edc8e9d435>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. *In*: **Ditos e Escritos**. Brasil: , 1984. p. 411-422.

BARKER, Clive. **Hellraiser: Renascido do Inferno**. 1 ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019. 160 p. Título original: The Hellbound Heart.

---

<sup>6</sup> COHEN, 1996, p. 20

COHEN, Jeffrey Jerome. **Monster Theory: Reading Culture**. 1 ed. EUA: University of Minnesota Press, 1996. 336 p. ISBN: 0816628556.

BARKER, Clive. Nas Montanhas, As Cidades. *In*: BARKER, Clive. (Aut.). **Livros de Sangue**. 1 ed. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2020. p. 190-225.

THE PHILOSOPHY of Hellraiser. EUA, Mariana Colín, 2023. 1 vídeo (27:09). Publicado pelo The Morbid Zoo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xZB-FxX5Obyk>. Acesso em: 25 nov. 2024.

RAÇA das Trevas. Direção: Clive Barker. Produção: David Barron, Gabriella Martinelli, James G. Robinson, Joe Roth. Roteiro: Clive Barker. EUA: 20th Century Fox, 1990. (102min), son. color.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2017. 329 p. ISBN: 978-85-232-1599-6. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2024.